JOGOS·FLORAIS DA M.P.F.

N.º 67

SUMÁRIO

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Jogos Florais de 1943-1944

É êste número do Boletim consagrado à publicação das produções classificadas no concurso literário organizado pelo Comissariado Nacional.

Jogos Florais da M. P. F... Disputa da Violeta de Oiro... Jôgo e flôr aliados a traduzirem a frescura, a espontaneidade, a modéstia, neste certame de raparigas em que a luta é um jôgo e o prémio uma flôr, humilde na côr e na aparência, suave e delicada no perfume.

Numa compreensão inteligente do nosso pensamento, de todos os lados vieram ao concurso as filiadas, algumas tateando hesitantes, outras caminhando com mais segurança, tôdas revelando boa vontade, desejo de fazer render os dotes que Deus lhes deu.

Nem tôdas puderam ser classificadas... Nem por isso devem desanimar... Para outra vez terão melhor êxito...

Nem considerem tempo e trabalho perdido. Nunca é perdido o tempo e o trabalho dispendido numa obra boa. E é boa esta obra de cultivar os talentos que Deus nos deu.

É exercitando-se que se desenvolvem as aptidões e quantas vezes estas se revelam inesperadamente.

Não se pede a tôdas que sejam "mulheres de letras", escritoras ou poetisas notáveis.

E se a nenhuma está vedado o caminho trilhado pelas mulheres de génio, para tôdas se impõe um dever — o de se valorizar ao máximo.

Não queirais ser almas pequenas, ficar na mediocridade, por indolência... por comodismo.

O vosso ideal é muito grande... com coragem... com entusiasmo... em todos os domínios da vossa actividade... procurai ser cada vez melhor, produzir cada vez mais.

As vossas faculdades intelectuais desenvolvei-as... enriquecei-as... fazei-as produzir. Não por vaidade pessoal... mesquinha... por desejo de renome ou de exibicionismo... Sim pelo gôsto... muito justo... de sair da banalidade, pelo desejo... muito louvável... de ocupar, em tarefa elevada, alguns dos melhores instantes da vossa vida... de contribuir, com a vossa cota parte, para a elevação de nível intelectual do meio em que viveis, de dardes um rumo seguro à vossa imaginação.

Estamos contentes com o resultado dos primeiros "Jogos Florais".

Continuai, queridas filiadas... Cada vez mais, sempre melhor...

A violeta de oiro é um símbolo... o oiro a significar valor... a flôr a traduzir despretensão, simplicidade, arte e beleza.

Nota da Redacção:

Por falta de espaço, não podem ser publicados neste número do Boletim todos os trabalhos, o que faremos nos seguintes.

RUMORES NA SERRA

ENCOSTA a pique...

Um caminhozinho estreito rodeava o monte, descrevia mil curvas por entre os matagais de tojo, carqueja, urze florida.

Nos pedregulhos de granito, os lagartos ao sol, punham umas manchazitas verde-amareladas que, ao sentir o andar firme dos cavalos, corriam a confundir-se com o matiz de verdes do mato.

Ouvia-se a cantilena das cigarras; um ou outro "cri-cri" audacioso; o "zum-zum" do besouro na lida.

A' nossa frente a contradança dos insectos Do caminho voavam revoadas de asas coloridas dos saltões de fraque cinzento, das borboletas de saia às pintas...

Nas linhas gerais o cenário era rude — montanhas enormes, semeadas de granitos acinzentados; grandes dorsos escuros de veludo com retalhos de côres — verde-claro, amarelo, côr de tijolo.

Na intersecção dos montes o cintilar do regato por entre tufos de verdura; aqui e àlém aldeola alvejante...

Apertava o calor, e a encosta parecia endireitar-se ainda mais, mais a pique.

Abria o cortejo o Nero — um perdigueiro branco com manchas amarelas, que de quando em quando, se metia pelo mato, reaparecendo pouco depois, a respiração mais ofegante, a língua mais caída, e uns olhos que diziam claramente: "Nada"! — "Escapou-se-te das unhas"? — preguntavam os seus olhos e logo êle respondia: — "Tivesse o eu topado, que não me escapava, não"! — "Acredito, acredito" — e então êle virava-se para nós e esperava-nos sentado nalguma fraga.

— Vai por aí um calorzinho!... — resmungou, limpando o suor com um grande lenço de barra vermelha, o meu companheiro, o Manuel.

Tinha uma cara crestada pelo sol, faces rosadas pelo ar do campo, olhos escuros de serrano. Umas rugas em relêvo ao canto dos lábios, davam ar jovial à fisionomia que era sêca como um bocado de granito.

— Do outro lado da encosta já é mais doado — afirmava o Manuel (sem se enganar), enquanto os cavalos se apressavam, pressentindo a proximidade de casa.

— Agora é só passar o moínho do Zé do Alto; que o moínho a bem dizer já não é do Zé. A menina já sabe a história?

— Nada, nada, não sabia, afirmei eu.

Estávamos justamente no cimo da colina. Um montão de rochas, uns farrapos brancos pendentes, que deviam ter sido as velas...

— Pois ali é que era o moínho do Ti Zé.

E perante a minha falta de convicção sôbre a solidez da casa, desabafava:

— Qual! O moínho era rijo. Resistira ao temporal, havia dois anos, que até árvores tinham sido arrancadas pelo vento, e àlém... A menina vê aquêles três castanheiros?

— Onde? Onde? — os meus olhos buscam a pista dos castanheiros, sem darem com êles.

— Além, menina, para os lados do batatal verde.

— Ai o batatal vejo-o eu, lá isso vejo, mas a respeito de castanheiros.

— O batatal fica perto de uma leira, ali adiante; segue-se um lameiro com vacas a pastar...

— Sim, senhor, vejo isso tudo. Ah! lá estão os três...

— Pois também foi o vento nesse ano, que ali era o maior souto da terra. Tanta castanha nunca...

— Mas, oh Manuel, o moínho?

— E' verdade, menina. Aquilo era boa pedra. De verão e de inverno o Zé fazia bem bom dinheiro. Até que há coisa — aqui fez parar o cavalo, abanou a cabeça, voltou a mão direita de um e de outro lado, estendeu o lábio inferior — de uns dois meses, o Tomé... a menina conhece-o?!

— Não, não me lembro.

— O Tomé que enriqueceu no Brasil, aquêle que na Missa ficava junto do altar da Senhora do Carmo.

— Sim, sim, um muito...

— Era êsse todo, menina!

— ...que usava uns fatos bastante...

— Olhe, olhe como a menina se lembra! Pois deram bons contozinhos ao Zé, êsse e o compadre da Rita — um magro, escanzelado, que até diziam que tinha um tesouro escondido num buraco. Êsse ficava ao pé da pia da água benta...

— Parece-me que... sim...

— Deitaram abaixo o moínho. Até nós tivemos pena, porque, olhe a menina, vinha às vezes ainda àlém com o gado — e apontava o cume do morro distante — e já se viam, lá arriba, as velas a girar. Diziam que era de...

— Tungsténio? — aventei eu.

— Não, menina, de volfrâmio.

Um silêncio e depois a voz desconfiada do meu guia.

— Que raio de nome é que a menina disse?

— E' o mesmo, Manuel, é o mesmo.

— Pois êles julgavam que era disso. Depois é que vieram a saber que era de uma pedra negra e miúda que para aí há. Ficaram com uma cara. "Que o dianho levasse o Zé e a Rita e que um raio partisse o moínho"...

— E a Rita e o Zé — preguntei com verdadeira curiosidade citadina.

— Compraram umas terrazitas e a Rita botou logo saia nova de merino — uma senhora!

O Manuel calara-se. Também nele a Natureza exercia o seu encanto. Eu ia ainda embevecida pela imagem que traçara: à tarde as velas brancas a girar... Depois o pitoresco surgia ante o meu espírito: à porta do moínho um tipo de Herculano — a figura rotunda, enfarinhada de Bartolomeu de Ventosa.

Ao nosso lado levantou-se um bando de perdizes com o ruido de muro que desaba.

O Nero latia, olhava-nos, abanava a cauda.

— Hoje, não, amigo, hoje não!

Iamos perto do povoado. Uma melodia distante, canção de pastor, lenta, arrastada, ecoava pelos vales, reflectia-se nos montes, envolvia-nos na sua singeleza. Nos valados rescendiam as madre-silvas, brilhavam as amoras maduras e outras ainda por amadurecer, esfumavam-se as giestas salpicadas de flores amarelas, os fetos aninhados no fundo eram indício certo de nascentezita humilde.

Chiavam ao longe os carros de bois; dos tetos de colmo escapava-se um fumozinho ténue, ténue, que não tardava a confundir-se com o azul do céu — um azul magnífico de safira, capaz de tentar um artista fôsse êle pintor de génio.

Distinguiam-se as medas de palha refulgindo por entre o casario, o campanário da igreja, um tremeluzir de águas, a ponte de três arcos e ao lado um negrilho descomunal, tão alto que chegava ao céu.

Que paz! Que sossêgo aqui onde tôda a beleza é natural, onde os homens não mexeram, não compuseram, não... estragaram.

Entre montanhas, num recanto como êste, estende-se um braço e com a mão abrange-se uma cordilheira. Parece que até o caminhar é de cumiada em cumiada. No fundo os vales verdejantes.

Um camponês, rosto encarquilhado pelos anos, pelo trabalho, rugas de ambição e de prudência, de malícia e bondade, de sofrimento, de alegria, olhos pequenos e brilhantes, saüdou-nos.

Já Manuel o reconhecia: — Olha o Ti Zé do Alto!

— O Manuel por aqui!

— Pois é verdade. Fui buscar a menina à Estação. Até lhe vinha a contar aquela história do minério.

O Zé voltava-se agora para mim, a face sorridente de quem pregou uma boa partida:

— Ai a menina já sabe? Sempre há cada uma. Que o moínho era de Volfrâmio, oh! oh!

MARIA ANA FERNANDES ALMENDRA
Centro 1, Liceu Maria Amélia — LISBOA

CONTO — 1.º Prémio

Quadra - 1.º prémio

Não caminhes arrastando
A Cruz que Deus te enviar.
Olha que a Cruz abraçada
Quási não custa a levar

Hortense da Conceição César
Centro n.º 65 — Lisboa

PODER SUPREMO

Poesia religiosa (1.º prémio)

Pensar que êste planeta em que vivemos,
Girando na amplidão ilimitada,
Entre outros mundos, que conhecemos,
E' nada.

Pensar que o Sol, herói entre os heróis,
Que dá vida em calor e luz doirada,
Entre milhões e biliões de sóis
E' nada.

Pensar que o grande mar, em cujos fundos,
Só há mistério, sombra inexplorada,
Junto dos outros mares e outros mundos
E' nada.

E' sentir que o Poder, Fonte de Luz
Perante o qual todo o Universo é mudo,
O Poder que nos rege e nos conduz,
E' tudo!

Maria Ester Gomes de Lemos

Centro 3 — Casa de Trabalho de N.ª Senhora de Fátima — Sintra

O Mar

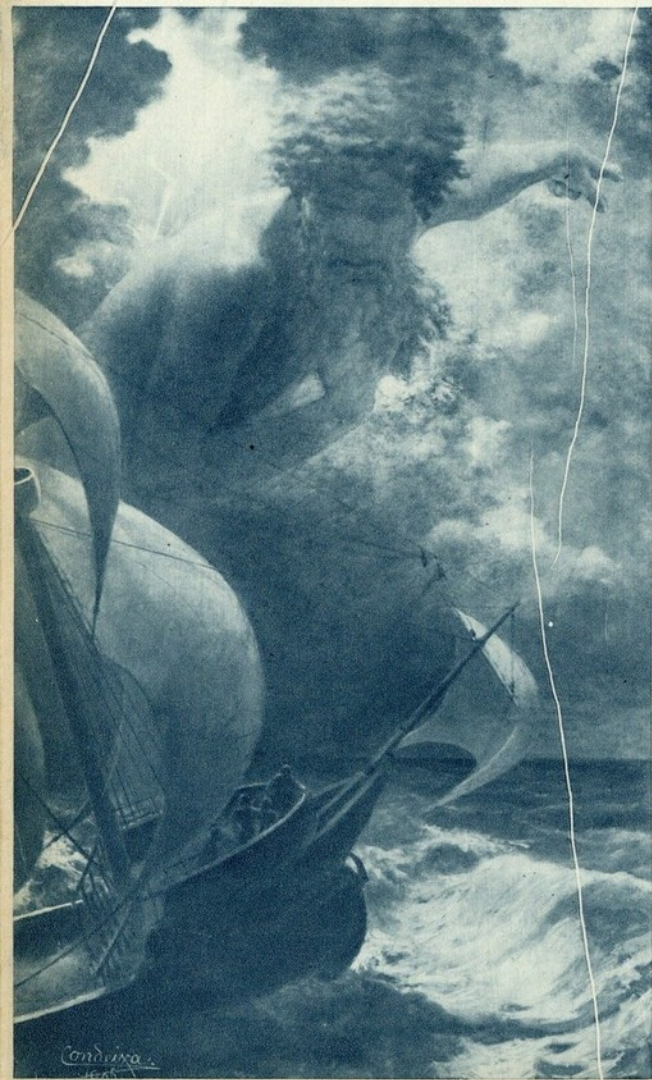
Poesia nacionalista

(2.º prémio)

Que grande que é o mar!... Que imensidade!...
Que esmagador poder, o mar sem fim!...
— Poder que tudo verga e tudo vence —
Onde existe no mundo um outro assim?

São cânticos de orgulho, consciente,
Os bramidos das ondas, a rolar...
Tudo se dobra, à voz do rei potente!
Nada e ninguém te vence, ó grande mar!

Ninguém te vence?! Não! Não é verdade!
Já no mundo houve ao teu poder igual!
E a fôrça do teu braço, magestade,
Venceu-a alguém — venceu-a Portugal!

Graciette A. Nogueira
Universitária — Centro 16 — Coimbra

(1.º prémio)

SERRANO

Poesia lírica

Agora compreendo
Serrano altaneiro
O ar sobranceiro
Que reside em vós:
De cima do monte
Tu tens sempre a fronte
Mais alta que nós

É que lá na altura
A vida é mais pura
E tem mais ardor,
Não se lembra a morte
A gente é mais forte,
Mais firme o amor.

Tens a alma branca
Como a neve santa
Que desce dos céus,
E por todo o ano
Tu és ó Serrano
Vizinho de Deus.

Maria Adelaide Pinto Mourão
Centro 83 — Colégio Garrett — Lisboa

S U B I N D O

Poesia lírica

(2.º prémio)

Já pensastes vós um dia,
Nesta palavra subir?...
...Deixar tôda a fantasia,
Só p'ra terdes a alegria
Do vosso dever cumprir?

Viveis a vida a sorrir,
Com desejo de a vencer?
Já pensastes em subir,
E em pecado não cair,
Porque... pecar é descer?

Vêde bem e meditai!
Tende fé, dedicação!
Vossas vidas elevai,
Dai-as ao Eterno Pai!
Trazei-o no coração!

Desprezai o bem estar
Hoje e sempre tão buscado!
Praticá-lo... é rastejar,
É ter fala... e não falar,
É andar e estar parado!

É ter olhos e não ver,
Coração... e não sentir!
É não fazermos render
Os talentos! É não querer
Nosso Criador servir!

Filhas pródigas
Se tal fizermos, irmãs!
Ouvi todas: Trabalhemos!
Subir sempre, procuremos
Com almas puras e sãs!

Já Nosso Mestre o ensina:
Vivei! Subi até mim!
Tudo cai! Tudo termina,
E só a vida divina...
Tem começo... e não tem fim

Pensai tôdas que, querendo,
Podeis vencer no porvir,
Fazei tudo, humildes sendo:
Muitas vezes é descendo...
Que se consegue subir!

Alice de C. Carvalho
Centro 1 — Instituto de Odivelas

doente

Classificação
1.º prémio
Violeta de Oiro

QUANDO o Sol deixou de lhe queimar os rins, numa dor teimosa e forte, e não era mais que uma enorme bola de fogo a esconder-se longe, muito longe, o velho largou a enxada, puxou mais para o ombro a jaleca, verdenta do muito uso e foi-se para casa, a arrastar os pés nús pela poeira quente da estrada.

A seu lado passavam rebanhos, de volta de um dia gasto pela serra, regressavam as môças com a água da fonte, cantava a folhagem nas árvores batidas pelo vento, e êle nada via, êle nada sentia senão aquela verdade tremenda, que o assombrava, que o matava.

Havia cantigas e ecos perdidos por ali, nas quebradas da serra, havia rumores longinquos, vindos lá de cima, dos lados do moinho velho, dançava no ar a cantilena suave da Extrema-Unção do dia, e, para êle, tudo era solidão e tristura, tudo era silêncio...

Martelavam-lhe no cérebro palavras sem sentido, zumbiam-lhe os ouvidos fortemente, continuamente, tinha como que uma cortina de fogo a fechar-lhe os olhos, uma cortina cerrada que o cegava... E havia sempre aquêle pensamento fixo, enorme, assustador, a roubar-lhe energias e a impôr-se como senhor e dono do seu raciocínio, da sua alma, da sua vontade.

O velho talvez nem chegasse a calcular tudo o que «aquilo», aquela nova lhe levara de si próprio, tudo o que matara na sua alma. Do que êle se apercebia era da quebreira na alegria e nos entusiasmos, daquela moleza que o tomara todo, de repente, quando, junto ao salário, lhe tinham lançado as últimas palavras de despedida.

Não volte mais!

Era como cão vádio que se acolhe, quando válido, e que depois, velho e cansado de se dar todo a quem o salvou, se atira para a rua, com desprêzo, com maldade.

Estava doente? Que se fôsse, que ali não se acolhia quem não podia trabalhar. Que se fôsse, que havia braços novos e sádios que pediam trabalho, o trabalho que êle — desgraçado — já não podia fazer.

Que se fôsse!... Ah! que gente aquela!

Era certo que lhe tinham dado dinheiro e que lhe tinham prometido dá-lo sempre, enquanto Deus o não quizesse levar — pouco tempo seria, com certeza!

Mas não viam — ai, não viam os loucos! — que aquilo que o matava, que o endoidecia, era ver-se lançado para a rua, como coisa velha que já não serve, era ver-se doente e velho, êle que labutara durante tantos anos, pegado à terra, quási que lhe pertencendo, quási que vivendo, ùnicamente, da vida sádia e forte que ela lhe dava.

E continuava a martelar-lhe a cabeça dorida uma série de palavras loucas, e ferozes, e sublimes, que êle não sabia dizer, que apenas podia pensar. Palavras de febre, em que tôda a sua alma de amante da terra se esvaía, num turbilhão, num impeto endoidado de delírio.

Palavras que o enlouqueciam, que lhe não deixavam ver a beleza magnifica do Sol, a morrer de todo, nos longes vermelhos do Céu, que o não deixavam maravilhar-se nas melodias estranhas da noite, a descer, escurecendo os campos, escurecendo as casas, ennegrecendo-lhe a alma.

Ai, que se êle pudesse, que se êle soubesse dizê-las!...

Como êle falaria daquela terra fecunda e ardente a que se dera todo, encantado e curioso, daquela terra que prendia quem um dia tentasse compreender os seus segredos e os seus caprichos de mulher adulada e tôla.

Como êle falaria, como êle encontraria assunto para se espraiar e dizer da mágoa que sentia agora, por nunca mais poder cavar e adubar, por nunca mais se enterrar na macieza escaldante e escura da terra alentejana, a terra que lhe dera vida e que lhe dera pão, a sua terra.

Seria a voz do coração a falar em si, uma voz sentida e firme que poderia demover todos os obstáculos e aclarar tôdas as dúvidas.

Como êle falaria, se o deixassem responder àquela frase com que o tinham lançado para a rua!...

E depois, para quê?!

Quem o compreenderia, quem «veria» como era intenso e real o seu amor à terra, como fôra nobre e grande o seu trabalho de tantos anos, duma vida?

Quem entenderia que, se êle trabalhara à jorna, anos e anos seguidos, se consumira assim a infância, a mocidade, a fôrça ardente da sua existência, não fôra ùnicamente no desejo dos patacos compensadores, mas fôra por alguma coisa de mais alto e de melhor, fôra por aquela ânsia imensa que havia em si de se dedicar, de se dar todo a qualquer obra, a qualquer ideal?

Nem êle próprio se compreenderia, nem êle saberia explicar a confusão de sentimentos em que vivera sempre.

Por momentos, o velho deixou de pensar e ficou-se parado, a olhar o Céu, já escuro, semeado de estrêlas, sentindo na alma uma sensação estranha de vazio e de dôr. Em volta caíra já o silêncio, um silêncio suave que acalmava; brilhavam luzes, ao acaso, salpicando os montes e salpicando a noite.

Mas, na obscuridade triste que envolvia tudo, o homem sentiu-se mais pobre e mais cansado e os pensamentos desolados voltaram, insistentes, a enlouquecê-lo mais.

Afinal aquela sua sêde ilimitada de se dedicar nunca havia sido satisfeita, nunca tivera um coração fraco que precisasse do seu, nunca tivera ninguém a quem pudesse ajudar.

A mulher morrera-lhe logo, pouco tempo depois da bôda, sem lhe ter deixado um filho, para amar e para fazer viver. E, de família, não tinha mais ninguém...

Só a terra aceitara os seus cuidados e os retribuira em alegrias e colheitas; só a terra deixara que êle se lhe desse, olhos cerrados a tudo o mais, a tudo o que não fôsse enriquecê-la e vivificá-la, dar-lhe energias e trabalhos, para que a seiva nova fôsse, em cada ano, mais rica e mais abundante.

Como não havia êle de amar a terra?!

Por vezes naquelas grandes temporadas de seca, em que a chuva não vinha saciar o terreno sequioso, e o trigo ia definhando, à mingua de sustento, se êle via o chão rachar-se, em grandes sulcos fundos e rijos, ficava-se a chorar, em lágrimas, a dor oculta da terra.

Mas, quando ela renascia, em fôrça e em vida, remoçada pelas chuvas de Outono, quando começavam a cantar os regatos, emmudecidos durante meses, êle cantava também, a alma a abrir-se numa alegria nova e intensa.

Ah! a terra fôra sempre o fim máximo da sua vida de trabalho!

Como êle lhe queria, como êle lhe queria!...

Um dia, já lá iam quási 40 anos, pensara em abalar para o Brasil, aborrecido com os patrões que não pagavam o necessário.

E fôra ainda a terra, a labuta diária, em que havia sido criado, que lhe tolhera os movimentos de partida e o obrigara a ficar, prêso àquela fôrça estranha que o vencia.

E, agora, vinha aquêle doutoreco das dúzias, um rapazola que não tinha mais de 30 anos, dizer-lhe que êle não podia trabalhar mais, que tinha os pulmões e o coração enfraquecidos, pela vida árdua em que gastara os anos.

Histórias! Êle é que era fraquinho, com aquelas côres amarelentas e aquelas mãos brancas de menina da cidade. Êle é que devia ser doente e muito nervoso.

Mas, mesmo assim, o vencera, para sempre, implacàvelmente, dolorosamente, tirando-lhe a vida da sua vida, a alma da sua própria alma.

Deus do Céu, como lhe custava ter de dizer adeus a tudo, à enxada velha, pulida pelas suas mãos calosas, ao chapeirão esburacado, inútil desde então, porque nunca mais o queimaria o Sol ardente das ceifas, nunca mais!...

Um ardor estranho começou a ferir-lhe os olhos pequeninos e baços, e sentiu lágrimas quentes a correrem-lhe pelo rosto, uma a uma, continuamente.

Eram umas lágrimas grossas que escaldavam, que lhe caíam no coração como em ferida aberta, maguando-o brutalmente e pondo-lhe na cabeça uma dor insistente e forte.

Agora, era já negra e cerrada a noite: as sombras das árvores alongavam-se pelo chão e pelos muros, tomando formas agigantadas e fantásticas, que se moviam, de quando em quando, se o vento passava mais rapido.

Minado de febre, uma febre altíssima que o abrasava todo, de repente, o homem julgava ver, nas sombras estendidas por tôda a parte, corpos disformes a avançar para êle, a prendê-lo nos seus muitos braços, a apertar-lhe o peito até o impedir de respirar.

Quis gritar e não soube, não teve voz. O coração batia-lhe com fôrça, parecendo querer rebentar-lhe a caixa fraca do peito muito magro, e sentia uma dor aguda e forte no ombro direito que sustinha a enxada.

Seriam aquela dor e o bater descompassado do coração a doença que o doutor apontara?

Talvez, talvez estivesse doente... a sério.

E daí, que lhe importava? Que lhe importava agora o que quer que fôsse?

Só uma ideia, só aquela verdade brutal do seu adeus à terra o podia agora interessar. E era nela ùnicamente que pensava, os olhos, cheios de lágrimas, fitos na escuridão triste da noite, uma grande mágoa a invadi-lo todo, uma canseira estranha a encurvar-lhe as pernas, cansadas de muito andar, à tôa.

Junto a uma árvore, deixou-se cair, a tremer de mêdo e de febre, a soluçar alto, por uma causa que êle já perdera a consciência de qual era.

O rosto rojava-se-lhe pelo chão e o homem deixava-se ficar na mesma posição, agradado por aquela frieza da terra, regada de fresco, ennebriado pelo cheiro húmido que lhe enchia as narinas frementes.

Depois, de repente, o velho perdeu a noção de tudo o que o rodeava.

De manhãzinha, foram encontrá-lo ainda assim, pobre corpo emmagrecido, enrodilhado à beira da estrada, e levaram-no nos braços devagar, cuidadosamente.

Esteve muito tempo doente, prêso no leito, o bom do velho. Depois, quando se curou e lhe preguntaram que queria fizessem dêle, pediu, baixinho, como criança medrosa:

«Dêem-me terra, só um pedacinho pequenino, para eu cultivar, dêem...»

Fizeram-lhe a vontade, sem coragem de o ferir mais uma vez, e o velhote, de alma renovada pela alegria de já não ser despresado, como trapo velho, voltou ao seu trabalho, sempre igual, que o seduzia, esquecido de certa noite escura, em que, minado de febre e de dor, fizera o seu adeus à terra.

Maria Idália Gomes Correia
Centro, 20 — Escola João de Barros — Lisboa

NARRATIVA HISTÓRICA

"O 2º CÊRCO DE DIU"

2.º Prémio

ATRAVES das páginas da nossa História, encontramos a cada passo os mais eloqüentes exemplos de heroismo, abnegação e amor pátrio, que sempre caracterizaram a raça lusitana, desde os mais remotos tempos da sua existência.

Entre as inúmeras façanhas que poderíamos citar, destaca-se o dramático episódio de «O Cêrco de Diu», que ficou gravado, a letras de sangue, nas pedras da heróica fortaleza. Recuemos, pois, alguns séculos na nossa História e transportemo-nos em pensamento a essa imortal praça de Diu, onde se desenrolou o facto que vamos narrar:

Estava-se em Abril de 1546. Reinava na cidade uma visivel inquietação. Todos se mostravam intensamente preocupados, como se os aguardassem para breve longas horas de angústia e privações. Sabia-se que o pérfido Coge Sofar, encarniçado inimigo dos portugueses, andara, de novo, incitando o rei de Cambaia a tentar mais um ataque à nossa fortaleza, e preparava um poderosíssimo exército de turcos e malabares para atingir os seus fins tenebrosos. A perspectiva dum próximo cêrco em conjuntura tão difícil, em vista do reduzido número de combatentes de que a praça podia então dispor, afligia deveras a população, que ainda trazia bem vivas na memória as vicissitudes e misérias por que passara, durante a primeira investida que o terrivel Coge Sofar havia empreendido contra Diu, poucos anos atrás.

Cêrco de Diu, 1546 — Tapeçaria da armação da História de D. João de Castro. Existente no Museu de Viena

O Governador, D. João de Mascarenhas, esforçado português da mais rija têmpera, apressara-se a forjar uma mensagem para o Viso-Rei, D. João de Castro, na qual lhe rogava que enviasse, com a maior brevidade possivel, alguns corpos de refôrço.

Era uma noite, quente e húmida. Uma densa neblina baixara sôbre a terra, encobrindo a baça claridade do luar e dando um tom melancólico e trágico ao pesado ambiente que pairava sôbre a cidade ameaçada. No sino da tôrre soavam lentas e pausadas as badaladas da meia-noite, que se repercurtiam gravemente, através de espêsso negrume nocturno e se iam perder ao longe, confundindo-se com a voz lamentosa das ondas do mar. Numa das janelas do Palácio do Governador divisa-se uma ténue claridade. Partia da sala do conselho onde, nessa noite, D. João de Mascarenhas se encontrava reünido com os seus capitães, deliberando sôbre os graves sucessos do momento. Duas profundas rugas sulcavam a fronte do destemido cavaleiro; sôbre os seus ombros caia uma pesada responsabilidade — defender a praça que El-rei havia confiado à sua guarda. Acabara de ser informado de que Coge Sofa partira nessa mesma tarde, à frente de tropas numerosas.

— Estais certo, pois, D. Coutinho, de que Coge Sofar chegará àmanhã junto dos muros de Diu?!

— Senhor D. João, teimo em crer que sim. Cambaia não é longe, e a intenção de Coge Sofar é talvez surgir-nos de surprêsa. Não fará grandes delongas na jornada.

Um murmúrio de aprovação acolheu as palavras de D. Coutinho, o velho fidalgo que acabava de dar a resposta ao Governador. Êste, agitado, passeou algum tempo, dum extremo ao outro do aposento, imerso em profundo meditar. De súbito estacou e disse: — Senhores! Deus será por nós! Lutaremos até restar uma única pedra desta fortaleza. Vós, D. Coutinho ireis com os vossos homens postar-vos em volta dos muros da cidade. Vós, D. Fernando, tratareis de dispor as bombardas em todos os bastiões. Amanhã, ao romper de alva, cada soldado ocupará o seu pôsto. Encomendo-vos que tenhais confiança nos socorros de D. João de Castro. Prestes chegarão. O Vice-rei não nos abandonará.

Rompia a manhã. O sol erguia-se preguiçosamente no horizonte, iluminando ainda frouxamente o casario que se aninhava dentro das sólidas muralhas de granito. A população despertava. As ameias estavam já povoadas de combatentes.

Tôda a guarnição militar da praça tinha sido disposta, segundo as ordens do Governador. Correram as horas numa ansiosa espectativa. Quando, de súbito, da bôca de todos se levantou um brado, mixto de surpresa e terror. O inimigo estava à vista; era uma multidão enorme de guerreiros, que avançava ràpidamente em direcção à cidadela. D. João de Mascarenhas enviou-lhes ao encontro um mensageiro, com a missão de avisar Coge Sofar de que os canhões de Diu estariam prontos a recebê-lo, se não retirasse imediatamente com as suas fôrças. O rosto cruel do aventureiro contraiu-se num rictus feroz e, soltando uma gargalhada sarcástica, respondeu que em breve teria o prazer de esmagar a seus pés as muralhas da praça portuguesa. E o cêrco começou cerrado e ameaçador. Os combates sucediam-se com uma violência desespe-

rada. Os nossos batiam-se com inquebrantável energia, insensíveis à fadiga, ao sono e ao sofrimento. O número dos que pereciam nas refregas diárias era cada vez mais elevado, e a chusma inimiga persistia em renovar os ataques, parecendo disposta a não levantar os arraiais, até que restasse um só português vivo, dentro da praça. E os meses iam passando, lentos e angustiosos. Os sitiantes dispunham de numerosas bôcas de fogo que, atordoando os ares com ribombos medonhos, vomitavam constantemente contra as muralhas pesadíssimos projécteis, que nelas fendiam enormes brechas, por onde o inimigo tentava depois as suas investidas. Os portugueses viam-se numa situação cada vez mais crítica e aflitiva. Todos se empenhavam ardentemente na defesa da praça, combatendo ao lado dos soldados com maior denodo e heroicidade. As próprias mulheres, quando a luta era mais acesa, acorriam às ameias, e tomando as armas, acometiam os infiéis, exterminando e ferindo intrèpidamente.

Entre essas valorosas portuguesas, distinguiu-se a célebre Isabel Fernandes, «A Velha de Diu», pela coragem e firmeza que sustentou nos transes mais angustiosos. Alta e morena, a tez requeimada pelos ardores das radiações solares, o rosto emoldurado por belos cabelos negros que em madeixas revôltas se espalhavam pelas costas, de olhar profundo e decidido, percorria os caminhos da muralha, subia aos baluartes, indiferente à chuva de dardos e virotões que, a cada instante, cortavam os ares em todos os sentidos; animava os combatentes, cuidava dos feridos, amparava os que caíam, trespassados por alg ma seta mais certeira, e ajudava a retirar os mortos que juncavam o solo, dificultando o movimento. Pelas horas mortas da noite, quando o arraial inimigo quedava em silêncio, permitindo aos fatigados guerreiros algumas horas de repouso para os membros doridos, quando a placidez das trevas era apenas perturbada pelos gemidos dos feridos, o estertor dos moribundos, ou ainda pelo sibilar agudo dalguma flecha arremessada por mão traiçoeira, Isabel Fernandes, depois de ter dado alívio às dores dos que padeciam, pensando-lhes os ferimentos com carinho maternal, ajudava a cavar as sepulturas para aquêles que jaziam eternamente imobilizados nos grilhões da morte, e sôbre êsses humildes covais orava fervorosas preces pelas almas que, tão nobremente, haviam oferecido à Pátria o sacrifício do mais belo dom que Deus lhes concedera — a vida.

Chegou finalmente o dia em que teve de suportar a mais dura provação, sofrer o mais duro golpe que o seu coração jàmais experimentara. Travava-se renhida peleja junto a um baluarte destruído. Os turcos precipitavam-se em massa por uma larga fenda aberta na barbacã; de suas gargantas saíam gritos de júbilo feroz, nas mãos reluziam as pesadas achas de guerra, a gotejar sangue. Perante a ameaça da invasão, um troço de homens acorreu ao local em perigo; mas a desproporção entre as duas facções era enorme. O embate foi terrível, as armas entrechocaram-se com estrépito, uma nuvem vermelha pairava sôbre aquêle aglomerado de homens, que se dilaceravam raivosamente, uns tentando penetrar na inexpugnável fortaleza, outros opondo-lhes uma resistência desesperada. Brados de angústia e de cólera confundiam-se num clamor unissono, que fazia vibrar as próprias pedras. O esfôrço sôbre-humano dos nossos ia sucumbido, pouco a pouco. Mas eis que surge de repente o vulto altivo de Isabel Fernandes que, à frente duma pequena hoste de mulheres indianas, empunhando uma comprida lança, se dirige resoluta para a morte ou para a vitória, bradando: — «Pelejai pelo vosso Deus, cavaleiros de Cristo, porque Êle está convósco». Os varões ainda sobreviventes, unem-se-lhe num derradeiro arranco. A luta recrudescia de intensidade, e já os turcos recuavam, uivando com furor, ante a arremetida gigantesca da nossa gente. No turbilhão da refrega, Isabel vê vacilar o filho sob uma estocada violenta, e cair inanimado e envolto em sangue. Contudo não fraqueja nem abandona o seu posto. Pelo contrário, ferida no mais santo dos seus afectos, com o coração dilacerado pela dor, parece adquirir uma nova energia, uma nova fôrça. É o desespêro, aliado a um desejo imenso de vingança. Assistira à morte do filho, mas jàmais assistiria à desonra da Pátria. E, lançando-se com assombroso ímpeto de encontro ao inimigo, apanhou uma espada caída por terra e brandindo-a com uma fúria de demente, começou desfechando terríveis golpes à sua volta, deliciando-se no cruel prazer de sentir a lâmina cortante da arma penetrar na carne dos adversários odiados, que lhe haviam roubado a jóia mais preciosa da sua alma. Os turcos, atemorizados por tam prodigiosa criatura, lançaram-se em fuga desenfreada. Frustrara-se a tentativa de Coge Sofar.

Anoitecia. Isabel Fernandes tinha sido transportada juntamente com os outros feridos. Haviam-na encontrado sem sentidos, prostrada no chão. Quando voltou a si, ergueu-se maquinalmente e dirigiu-se sòzinha ao teatro onde se desenrolara o terrível recontro. O solo estava juncado de cadáveres de onde a onde viam-se bocados de lanças, cabos de adagas, farrapos de pano tintos de vermelho. Estacou, procurou com os olhos ansiosos o corpo do filho. Lá estava, gelado e pálido, com a face aureolada de sangue. Nos lábios desenhava-se-lhe um vago sorriso; as mãos hirtas agarravam ainda a haste duma lança. Jóvem herói, na flôr da mocidade! A pobre mã abraçou-se-lhe, chorando convulsivamente. Agora, sim, podia dar largas ao seu desgôsto imenso! Que infeliz se sentia naquele momento! A pouco e pouco foi-se acalmando; o espírito meio enlouquecido pelo tremendo choque, recuperou a lucidez. Não, não era infeliz! Pois não dera o seu filho a vida por uma causa sagrada? Não fôra êle um herói dêsses a quem a Pátria fica eternamente reconhecida? No olhar perpassou-lhe um clarão de alegria e de orgulho. E, elevando os olhos para o estandarte português que flutuava serenamente no cimo da tôrre, murmurou extática: «— Obrigado, meu Deus, por terdes permitido a mim e a meu filho, sermos úteis à nossa querida Pátria!».

Ao cabo de sete longos e penosos meses, com a chegada de novos refôrços, os sitiantes viram-se obrigados a desistir da conquista e a levantar finalmente o assédio. Diu estava salva!

Maria Helena dos Santos Pinto
Centro 1, Liceu Maria Amália — Lisboa

Planta da cidade e fortaleza de Diu
Exemplar existente no Arquivo Nacional da Tôrre de Tombo

NEM 8... NEM 80

COMÉDIA EM 1 ACTO

CENA I

D. BRITES E ROSA

D. Brites está sentada com os óculos na ponta do nariz, fazendo meia. Veste um fato preto até aos pés, chaile pelos ombros e touca na cabeça.

Rosa, sentada a seu lado, tem na mão um livro em que está lendo. Veste blusa branca, saia escura rodada, até ao tornozêlo, e touca.

ROSA *(lê)* — «Haverá sinais no Sol, na Lua, e nas estrêlas; e haverá consternação nos povos da terra, por causa do bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de susto, na espectativa daquelas coisas, *(boceja)* que sobrevirão em todo o mundo, pois os poderes do céu estremecerão». *(boceja novamente)*.

D. BRITES — Menina, que modos são êsses, passou mal a noite ou não gosta do que está a ler?

ROSA — Gosto sim avòzinha... mas, se eu tenho lido isto tantas vezes que já sei de cor *(continuando a ler com ar resignado)* «Então aparecerá o Filho do homem, que virá revestido de grande poder e majestade. Quando estas coisas começarem a acontecer»... *(Para D. Brites)* Avòzinha! Devem ser horas de chegar o carteiro, posso ir à janela esperá-lo?

D. BRITES *(indignada)* — Ir à janela? A menina reparou bem no que disse? A neta de D. Brites de Albuquerque ir à janela? para isso é que eu tenho gasto tanto dinheiro a educá-la?

ROSA — Mas que tem avòzinha, que mal faz?

D. BRITES — Não é próprio duma menina da sua condição.

ROSA — Ó avòzinha, mas para que foram fèitas as janelas?

D. BRITES — Olha que pregunta tão disparatada! para deixar entrar o ar e a luz.

CENA II

D. BRITES, ROSA E MARIA

MARIA *(junto à porta, trazendo uma bandeja com uma carta)* — Minha senhora, dá-me licença?

D. BRITES *(secamente)* — Entra.

MARIA — Uma carta que acaba de trazer o carteiro. *(D. Brites pega na carta e a criada retira-se)*

CENA III

D. BRITES E ROSA

ROSA *(Batendo as palmas e saltando de contente)* — Ai avòzinha, é da tia Genoveva, é da tia Genoveva, conheço-lhe a letra. Deixe-me lê-la, deixe, avòzinha.

D. BRITES *(entregando-lha)* — Toma. Vê como eu tenho cuidado da tua educação! Até sabes de cifrar êsses rabiscos e conversar numa lingua com o sr. Doutor!... Que mania êle tem de te chamar «muasele», como se tu não fôsses baptizada, como se não fôsses cristã! Se isso é nome que se dê a uma pessoa!

ROSA *(afagando-a)* — Então, avòzinha, é francês!...

D. BRITES *(afastando-a)* — Francês, francês, uma lingua de trapos que ninguém entende, é que é. E, para falares dessa maneira que ninguém percebe, foi preciso teres uma professora que ta ensinasse; e eu falo uma lingua que tôda a gente entende e não foi preciso ensinarem-ma. Olha que aprendeste êsse tal francês bem contra a minha vontade. Foi só para que não se dissesse que a minha neta sabia menos que as filhas do Dr. Santos.

ROSA *(que tinha estado a abrir a carta, mostrando-se impaciente)* — Então, avòzinha, quando leio a carta?

D. BRITES — Começa já.

ROSA *(lê)* — «Minha querida mamã. Tenciono ir ai passar alguns dias convosco, antes de partir para a Figueira. Devo chegar no dia 8, pelas 2 horas da tarde». *(Para D. Brites)* Ah! avòzinha, o dia 8 é hoje, é hoje mesmo que chega a tia! Que bom!

D. BRITES — O quê! É hoje o dia 8? Vê ai que horas são de-pressinha!

ROSA *(levanta-se e olha para o relógio)* — É 1 hora e 45 minutos, avòzinha.

D. BRITES — Já? E só agora é que a carta chega! É incrivel, incrivel. Nem tempo há de mandar alguém à estação. Pois é, estas coisas inventadas agora, dão sempre asneira! Se já alguma vez se viu as cartas virem dentro do comboio. Vêm misturadas as que são urgentes com as que o não são, demoram-se pelo caminho e pronto! dá êste resultado. *(toca a campainha)*.

CENA IV

D. BRITES ROSA E MARIA

D. BRITES *(para a criada que chega)* — Maria, vai imediatamente preparar o quarto da Sr.ª D. Genoveva, porque ela deve estar quási a chegar. Mexe-te rapariga, corre, vê se sabes outro passo mais ligeiro.

MARIA — Sim minha Senhora, cá vou, não demora nada, daqui a um instantinho está tudo pronto *(Lançando um olhar significativo a Rosa)* e se a menina Rosinha me viesse ajudar... era mais de-pressa e ficava tudo mais bonito, porque ela tem um jeitinho!

ROSA *(radiante)* — Sim avòzinha, posso ir, não posso?

D. BRITES — Vai, sim, minha filha *(Rosa sai com a criada)*

CENA V

D. BRITES *(só, continuando a trabalhar na meia)* — Estes correios, estes correios... Se fôsse eu que governasse nisto, as coisas corriam de outra maneira *(Pequena pausa. Depois elevando a voz)* Que idéias trará ela desta vez? Estraga-me a pequena com os costumes que aprendeu lá por aquela Lisboa. Ah! a Genoveva não se parece nada com a minha Teresa, que Deus me levou, a mãi dêste anjo, da minha Rosinha. Essa sim, é que era o meu feitio, mas Nosso Senhor chamou-a!... *(Boceja. Virando-se para a porta por onde saiu a neta)* Aquêle diabrete demora-se, faz-me falta! A's vezes arrelia-me, mas que seria esta casa sem ela? Certamente um céu sem estrêlas, ou uma noite sem luar... *(Dá uma gargalhadinha)* Ah! Ah! Agora parecia a minha Genoveva a falar. Ela ás vezes diz umas coisas *(Boceja)* que eu não percebo, mas gosto de ouvir, e a pequena então, bebe-lhe as palavras!... *(Pára, boceja outra vez e deixa cair a cabeça sôbre o peito)* Demora-se a Rosinha! *(Adormece)*

CENA VI

D. BRITES E ROSA

ROSA *(entrando e vendo a avó adormecida dirige-se para ela)* Oh! A minha avòzinha adormeceu, coitadinha! Como ficou só, chegou-lhe o sono *(tirando a meia)* Vou tirar-lhe a meia, pode picar-se nas agulhas. *(Dirigindo-se para uma cómoda e tirando um chaile da gaveta)* É melhor embrulhá-la num chalinho, pode constipar-se *(Coloca-lhe o chaile sôbre os joelhos. Depois com alegria)* Estou tão contente por vir a tia Genoveva! Gosto imenso de a ouvir conversar. Fala tão bem! E aquelas coisas que ela conta de Lisboa: muitos jardins, as ruas muito largas, cheias de eléctricos e automóveis... *(ouve-se lá fora a buzina dum automóvel)* Ouço a buzina dum automóvel. Será a tia Genoveva que chega? *(Abre a janela e olha para a rua)*

D. BRITES *(acordando)* — Rosa ó Rosinha. Onde estás tu, minha filha? *(Vendo a neta à janela)* Menina, que fazes ai? Pois não ouviste chamar, Rosinha?

ROSA *(Fecha imediatamente a janela e volta-se aflita para a avó)* — Estava a ver umas meninas muito lindas, que chegaram num automóvel, para casa do Dr. Santos.

D. BRITES *(Levanta-se, aproxima-se da janela e olha por entre os vidros. Zangada)* Meninas... meninas... então aquilo são meninas? E acha-las bonitas? *(Pega-lhe na mão e leva-a para junto da cadeira onde estava sentada)* Umas palhaças de saia pelo joelho e caras pintalgadas. São certamente alguns saltimbancos que ai vêm dar espectáculo *(Com tristeza)* Então a minha neta que tem sido sempre uma menina boa e obediente, hoje foi pôr-se à janela sem minha autorização?!

ROSA *(ajoelhando-se junto dela, pega-lhe nas mãos e com voz lacrimosa)* — Oh! avòzinha desculpe-me, perdoe-me! Eu ouvi a buzina dum automóvel e julguei que fôsse a tia Genoveva que vinha a chegar.

D. BRITES — Que idéia, menina, então a tia vinha de automóvel? A tia servia-se duma obra de inimigo? Sim, porque nun-

ca se viu um carro andar sem ser puxado por animais.

ROSA — Anda por meio de um motor alimentado a gasolina, avòzinha.

D. BRITES — Não digas isso. Essa não me cabe na cabeça, é obra do inimigo. *(Levanta a neta e senta-a junto de si)*

ROSA — Ó avòzinha, mas a tia quando cá esteve no ano passado, disse que em Lisboa ia muitas vezes ao teatro e à saída voltava para casa de automóvel.

D. BRITES — Voltava agora de automóvel! Tu é que não percebeste.

ROSA — A avòzinha nunca foi a Lisboa?

D. BRITES — Não, minha filha, Lisboa fica tão longe!

ROSA — Que terras já tem visto, avòzinha?

D. BRITES — Eu? Nenhumas.

ROSA — Ah! Pois eu gostava tanto de viajar! Ver muitas cidades, ir num barco pelo mar fora!.. Que lindo deve ser!

D. BRITES — És tontinha! Que gôsto pode haver nisso? Andar em cima duns bocados de tábua que podem ir ao fundo. Ah! Até me arrepio tôda, só em pensá-lo!

ROSA — Mas agora há navios muito grandes, com muitas salas, que parecem mesmo casas sôbre o mar.

D. BRITES — Ora... deixemo-nos estar nestas sôbre a terra que são muito mais seguras.

ROSA — A avòzinha já viu algum teatro?

D. BRITES — Eu não, minha filha, nunca fui ver comediantes! Ir ao teatro, não é próprio duma senhora fina, educada.

ROSA — Então a tia não é uma senhora educada e fina?

D. BRITES — É sim, minha filha, porque me preguntas isso?

ROSA — E' que a tia já tem ido muitas vezes ao teatro.

D. BRITES *(embaraçada, tosse para disfarçar)* — Ó Rosinha, tu tens coisas, filha, então a tia não havia de ser fina?! Lá em Lisboa é diferente, pode-se ir ao teatro. Ai filha, fazes umas preguntas... que embaraçam uma pessoa. Mas, dize-me cá: o quarto da tia como ficou?

ROSA — Um brinquinho, avòzinha, e foi depressa.

D. BRITES — Ah! Ainda bem! Quero que ela se sinta cá melhor do que em Lisboa. Que colcha puseste na cama?

ROSA — A azul, avòzinha, não era essa que queria?

D. BRITES — Sim, pode ser. E o almofadão, qual foi?

ROSA — Pus o da renda mais larga, o mais bonito.

D. BRITES *(sorrindo)* — Bem, já vais sabendo como se trata duma casa.

CENA VII

D. BRITES, D. GENOVEVA E ROSA

(D. Genoveva entra vestida com elegância e simplicidade, acompanhada da criada que traz uma mala pequena de viagem. Esta pousa a mala no chão e retira-se).

D. GENOVEVA — Ó querida mamã, como está? *(Beija e abraça D. Brites que se pôs de pé)*

D. BRITES — Genoveva, minha Genoveva, há tanto tempo que te não via, minha filha. Estás mais gorda!

D. GENOVEVA — Talvez mamã, mas onde está a Rosinha, que ainda a não abracei?

ROSA *(correndo para a tia)* — Aqui, minha tia, aqui junto de si.

D. GENOVEVA *(pegando-lhe nas mãos)* — Olha a nossa Rosinha, como está crescida, que linda, que bela rosa tu és, minha filha! *(Beija-a e abraça-a)* Bem empregados 17 anos, benza-te Deus! *(Virando-se para D. Brites)* A mamã está boa, não é verdade?

D. BRITES — Com a ajuda de Deus, filha, cá se vai vivendo. *(Sentam-se)* Olha, tens de desculpar, nem te mandei esperar...

D. GENOVENA *(interrompendo-a)* — Já sei mamã, já me disse a Maria, que a minha carta só tinha chegado hoje. Mas não faz mal, cá estou à mesma.

D. BRITES — Pois é, mas sempre aborrece. Diz-me: como vieste da estação até cá? Não mandei o José com o carro, buscar-te!...

D. GENOVEVA — Vim de automóvel, mamã, estava um na estação e aproveitei-o.

D. BRITES *(Distraída)* — Ah! Pois foi o que valeu!

ROSA — Vê avòzinha, que a tia anda de automóvel?

D. BRITES — Oh! Rosinha, que teimosia! Então eu não te disse já que a tia Genoveva não utiliza automóvel? Trens, trens é que ela usa.

GENOVEVA — Não mamã, vim de automóvel. Também havia trens na estação, mas servi-me do automóvel, porque é mais rápido e eu tinha tanta pressa em abraçar-vos! Da estação aqui, ainda são uns bons 12 quilómetros.

D. BRITES — E não tiveste mêdo de te meteres nisso, minha filha?

D. GENOVEVA — Não, mamã, os automóveis ainda são mais seguros do que os trens, porque os animais podem escorregar e dar lugar a qualquer desastre.

D. BRITES — Enovações, enovações. No meu tempo não havia automóveis e passava se muito bem sem êles.

D. GENOVEVA — Então, mamã, temos que acompanhar o progresso. Habituamo-nos a estas coisas mais modernas, mais perfeitas e depois, se as não temos, sentimos falta delas.

D. BRITES — Bem faço eu que não me habituo *(Noutro tom)* Olha filha, põe-te à vontade. Se quiseres, vai ao teu quarto. Eu vou ver se as minhas ordens foram bem cumpridas *(sai)*.

CENA VIII

D. GENOVEVA E ROSA

D. GENOVEVA *(Pegando nas mãos de Rosa e fazendo-a sentar ao seu lado)* — Ai minha querida Rosinha, sim senhor, estás encantadora, não me canço de admirar-te.

ROSA — Não diga isso, tia! Eu sou uma aldeã. As meninas de Lisboa devem ter muito mais graça do que eu.

D. GENOVEVA — Ora, Rosinha, em Lisboa, bem como em tôda a parte, há meninas lindas e feias. Não te julgues inferior a elas, por viveres na província. Tu és bela e além disso possues um bom coração, uma boa alma. Vê tu o que seria, se tôdas as meninas quisessem ir viver para Lisboa! Imagina, que desatino!

ROSA — Sim, tem razão, tia, mas diga-me: acha-me igual às meninas da capital?

D. GENOVEVA — Superior, minha filha, para mim não há rapariga melhor do que a minha Rosinha, nem melhor, nem mais bonita, meu botãozinho de rosa.

ROSA — A's vezes, quando estou só no meu quarto, lembro-me tanto da tia Genoveva, do que me conta, de tôdas as suas palavras. Creio bem que, se algum dia fôsse a Lisboa, quem me dera! sabia ir ter a sua casa só com as indicações que me tem dado. Outras vezes sonho que ando a passear na Baixa *(Entusiasmada)* Ó tia, lembra-se de me descrever o Terreiro do Paço? Já tenho sonhado que estou a admirar os barquinhos e a estátua de D. José. E vejo tudo tão nitidamente, como se lá tivesse ido.

D. GENOVEVA — Gostavas de ir a Lisboa, Rosinha?

ROSA — Certamente não, a avòzinha não gosta de sair de casa e eu não posso deixá-la sòzinha *(pausa)* A tia agora segue daqui para a Figueira?

D. GENOVEVA — Pois sigo Rosinha, vou passar mês e meio à praia.

ROSA — Ó tia, dê cumprimentos meus ao mar, àquêle mar sonhador e romântico. Eu nunca o vi, mas diz-me o coração como será: Um lago como o da Quinta das Mercês, mas muito maior, milhões de vezes maior, uma imensidade, e o vento a batê-lo, a fazê-lo baloiçar e baloiçar os barquinhos que sôbre êle navegam. Não é assim minha tia?

D. GENOVEVA — Sim, minha filha, pouco mais ou menos.

ROSA — Como deve ser lindo!

D. GENOVEVA — Que dirias tu Rosinha, se eu pedisse à avòzinha para te levar comigo para a Figueira?

ROSA — Como eu gostava! Sentir-me-ia tão feliz!

D, GENOVEVA — Então aqui não és feliz?

ROSA — Sou sim, tia, mas é aborrecido viver sempre no mesmo ambiente, cercada das mesmas pessoas, ler sempre os mesmos livros...

D. GENOVEVA *(interrompendo-a)* — Olha, *(pega na mala e coloca-a sôbre uma cadeira)* Vou já dar-te os presentes que te trouxe. Vê se adivinhas o que são. Não adivinhas, tenho a certeza que não adivinhas.

ROSA — Já sei, é uma almofada para o meu quarto.

D. GENOVEVA *(Rindo)* — Frio, frio.

ROSA — Então é um jôgo.

D. GENOVEVA — Escusas de pensar que não acertas *(Abre a mala e tira uns poucos de livros que vai entregando a Rosa)*

ROSA — Ai tantos livros, tia! São todos para mim?

D. GENOVEVA — São, sim, minha filha.

ROSA — Ah! Que bom, que bom! Que livros são? *(Vai abrindo os livros)* As Pupilas do Sr. Reitor... A Morgadinha dos Canaviais... Ah! tia, mas... isto são romances e a avòzinha não mos deixa ler, certamente.

D. GENOVEVA — Deixa, sim minha filha, porque êstes romances são dum bom autor. É a obra completa de Júlio Diniz.

ROSA *(Com tristeza)* — Parece-me que a avòzinha não vai consentir.

D. GENOVEVA — Consente sim, descansa, que eu falarei com a avòzinha.

ROSA *(alegremente)* — Ai, se a tia consegue, que bom, que bom! *(Agarra-se ao pescoço da tia)* Minha querida tiazinha!

D. GENOVEVA — Deixa-me, tontinha, olha que me estrangulas. Espera... ainda tenho outra prenda para ti.

ROSA *(soltando a tia)* — Ainda mais, minha tia? Oh! que feliz eu estou hoje!

D. GENOVEVA *(Tira da mala um vestido branco, muito mimoso e elegante, mas simples)* Toma, vê se gostas.
ROSA *(encantada)* — Que lindo, tia, que lindo É para mim?
D. GENOVEVA — É, pois!
ROSA — Ah! Como eu vou ficar bonita com êle *(Põe-no na sua frente e dá umas voltas pela casa)* Mas que lindo vestido! É assim que usam as meninas de Lisboa?
D. GENOVEVA *(rindo)* — É sim Rosinha.
ROSA — Oh! tia! deixe-me ir já vesti-lo para fazer uma surpresa à avòzinha!
D. GENOVEVA — Vai Rosinha, já que tens tanto gôsto!
ROSA *(Vai para sair e já da porta)* — Ó tia, com êste vestido é preciso ter touca?
D. GENOVEVA *(Rindo)* — Não minha filha, podes tirá-la, soltar os teus cabelinhos. *(Rosa sai)*

CENA IX

D. BRITES E D. GENOVEVA

D. BRITES *(entrando zangada)* — Oh! Senhor! Nunca se cumprem nesta casa as minhas ordens! Hão-de arranjar sempre maneira de só fazerem o que lhes apetece. Ai! êstes criados, êstes criados!
D. GENOVEVA — Deixe lá, mamã, não se incomode.
D. BRITES — Ai filha, anda cá, senta-te aqui ao pé de mim *(puxa-a para o sofá e senta-se também)* ainda não te preguntei pelo teu marido, que queres? a minha cabeça... *(pausa)* Mas diz me, como vai o João, porque não veio também?
D. GENOVEVA — Teve muita pena de não me acompanhar, mas os seus muitos afazeres não lho permitiram, mamã. Recomenda-se muito. Eu não quis deixar de a vir ver e à nossa Rosinha. Daqui sigo para a Figueira, onde me espera o João.
D. BRITES — E quando partes, minha filha?
D. GENOVEVA — Dentro de 2 dias, mamã.
D. BRITES — Então só cá estás 2 dias! Há tanto tempo que te não via e só ficas 2 dias junto de mim! *(Olha para a mala que está em cima de uma cadeira)* De quem é aquela mala?
D. GENOVEVA — É minha, mamã.
D. BRITES *(Toca a campainha para chamar a criada)* — Ah! aquela Maria, que cabeça! deixar aqui a mala! É preciso dizer-lhe tudo... tudo... tudo... tudo.
D. GENOVEVA — Não, mamã, fui eu que lhe mandei pô-la aqui.
D. BRITES — Fôste! Tu sempre tiveste a idéia de desculpar os criados. Nesse ponto és parecidíssima com a Rosinha.

CENA X

D. BRITES, D. GENOVEVA E MARIA

MARIA *(entre portas)* — Oh! A menina Rosinha é um anjo!
D. BRITES *(zangada)* — Quem te chamou?
MARIA — Então a senhora não tocou a campainha?
D. BRITES — Não. E não tinhas nada que te meter nas minhas conversas. *(Maria sai)*.
D. BRITES — É verdade, ainda precisas da mala aqui, Genoveva?
D. GENOVEVA — Não mamã, eu vou levá-la para o meu quarto. *(D. Brites, retendo a filha, toca a campainha)*.
MARIA — A senhora chamou?
D. BRITES — Olha lá cabecinha, se eu não te quisesse chamar tocava a campainha?
MARIA — A senhora podia ter tocado a campainha, só para me dizer que não tinha tocado, como fêz há bocadinho.
D. BRITES *(amofinada)* — Não, toquei a campainha, para te dizer que levasses esta mala. Para a outra vez não fales sem licença. Cada vez que abres a bôca sai tolice. *(Maria pega na mala e fica imóvel junto da porta)*
D. BRITES — Que fazes ai? Não ouviste a minha ordem? *(Maria continua calada)*
D. BRITES — Não ouves, que fazes ai? Fala, Môça!
MARIA — A senhora dá-me licença que eu fale? Desejava preguntar-lhe para onde levo a mala.
D. BRITES — Para onde há-de ser?! Para o quarto da Sr.ª D. Genoveva. Ai rapariga, também não descobriste a pólvora. *(Maria sai com a mala)*

CENA XI

D. BRITES, D. GENOVEVA E ROSA

ROSA *(Entra a correr, muito alegre)* — Avòzinha, avòzinha, olhe para mim, veja como eu estou linda!
D. BRITES — Que vestido é êsse, menina? de quem é isso?
ROSA — É meu avòzinha, foi a tia Genoveva que mo trouxe.
D. BRITES *(zangada)* — Vai já tirá-lo.
D. GENOVEVA — Porquê, mamã, então não é bonito?
D. BRITES — Sim, não digo que não seja bonito, mas quanto melhor lhe não fica a sua sainha e blusa e a sua touca branca? Assim é que se vestem as meninas.
D. GENOVEVA — Sim mamã, tudo isso lhe fica muito bem...
D. BRITES *(interrompendo-a)* — Então se lhe fica bem, porque não há-de vestir-se assim?
D. GENOVEVA — Porque as meninas de agora, não usam êsses trajos. A mamã, não deve vestir a Rosinha, como se usava na sua época. Os tempos são outros. No tempo da mamã, usava-se saia, blusa e touca, e a mamã vestia saia, blusa e touca; agora usam-se vestidos, e a mamã deve deixar a Rosinha trajar à moda.
D. BRITES — Então gostavas de ver a Rosinha com êsses fatos muito curtos, muito decotados, como já tenho visto nalgumas meninas, que é uma vergonha?!
D. GENOVEVA — Não, mamã, mas não fica mal a uma menina vestir-se à moda, com elegância, modéstia e simplicidade. O vestido pode ser moderno sem contudo deixar de ser decente. Olhe para a sua neta e veja se não a acha assim mais bonita. Examine-a bem.
D. BRITES *(olhando para Rosa e com ternura)* — Realmente, Rosinha, estás tão linda, meu amor, pareces um anjinho do céu.
ROSA — Ainda é preciso tirar o vestido avòzinha?
D. BRITES — Não, filha, já agora, deixa-o ficar.
ROSA *(a mêdo)* — Ó avòzinha, a tia ainda me trouxe outra prenda.
D. BRITES *(desconfiada)* — Que mais seria!
ROSA *(embaraçada)* — São... são uns livros, avòzinha.
D. BRITES — Livros! Que livros! menina?
ROSA *(aflita)* — São uns... uns... uns romances, avòzinha.
D. BRITES *(para D. Genoveva)* — Romances, filha, que idéias tu tens! Trazeres romances para a pequena! Então em Lisboa as meninas também leem disso?
D. GENOVEVA — Porque não, mamã, quando êles sejam bem escritos e próprios para as suas idades?
D. BRITES — Romances!... Se não é melhor para uma menina ler os seus livros de orações, a sua bíblia.
D. GENOVEVA — Está muito bem! Tudo isso é muito bom e muito necessário! Tôdas as meninas devem ter na sua biblioteca uma bíblia, onde aprendam as palavras de Deus, mas também necessitam de outros livros, para se instruírem e bem conhecerem a nossa língua,
D. BRITES — Mas para isso tem o dicionário, que é um livro bem grande e onde pode aprender tudo.
D. GENOVEVA *(sorrindo)* — Ó mamã, se ela se pusesse a ler o dicionário, ao fim de pouco tempo adormecia. É preciso lerem livros que as instruam e ao mesmo tempo as distraiam, lhes prendam o espírito. Não quero dizer que leiam quaisquer que lhes apareça. Não, devem ler só livros bons, escolhidos por pessoas competentes. Então neste caso êstes que ofereci à Rosinha, que são de Júlio Diniz, um dos nossos melhores escritores.
D. BRITES — É isto, é sempre assim, eu não me quero convencer, mas tu dizes-me tais coisas que eu não sei como te hei-de responder e acabo por concordar com tudo o que tu queres *(benze-se)* Ai, meu Deus, onde irá parar a minha alma?

CENA XII

D. BRITES, D. GENOVEVA, ROSA E MARIA

MARIA *(Entre portas)* — Minha senhora, está ali a menina Ritinha, com umas amigas, que desejam visitar as senhoras.
D. BRITES — Manda-as entrar *(a criada retira-se)*
D. GENOVEVA — Quem é essa Ritinha, mamã?
D. BRITES — Pois não te lembras? É uma das filhas do doutor Santos!

CENA XIII

D. Brites, D. Genoveva, Rosa e Rita que entra acompanhada de três amigas: Manuela, Antónia e Virgínia. Rita dirige-se às senhoras e cumprimenta-as.
RITA — Rosinha, quero apresentar-te três amigas minhas, que de Lisboa vieram passar alguns dias comigo.
Seguem-se as apresentações de Manuela, Antónia e Virgínia. A primeira veste calça comprida, camisa de rapaz e colete de malha. As outras trazem vestidos excessivamente curtos e decotados. As três têm gestos e maneiras muito livres.
MANUELA *(dirigindo-se a Rosa)* — Você desculpe esta invasão, mas nós desejamos reúnir bastantes raparigas para formarmos um grupo e darmos grandes passeatas, porque isto aqui é duma insipidez formidável.
ANTÓNIA — É um horror!
VIRGÍNIA — Oh! filhas, não sei como vocês não morrem de tédio aqui nesta pasmaceira!
ROSA — Estamos habituadas, aqui nascemos e aqui temos vivido sempre.
RITA — Vocês estranham, porque vivem num meio mais alegre.
MANUELA — Eu é que não gramava isto todo o ano! Olha que estopada!
D. BRITES *(àparte, para D. Genoveva)* O que é que ela disse, filha?
MANUELA *(Estendendo uma cigarreira a Rosa)* — Você fuma?
ROSA *(Embaraçada)* — Eu... eu... não *(Antónia tira um cigarro dos de Manuela, Virgínia puxa pelo isqueiro e acende-lho, mas Antónia distraída com a conversa não chega a fumar.*
MANUELA — Ah! Não fuma! Não me admiro. É como a Ritinha. Ai, filha, que mania vocês têm dos «inhas» *(para Rita)* Passo mas é a chamar-te Tita. *(E dirigindo-se a Rosa)* e você, Rosa, fica a ser Zinha, importa-se?
ROSA — Não, é-me indiferente.
MANUELA — Pois é melhor. A mim tratam-me por Mné, é mais prática.
VIRGÍNIA — E a mim por Gica.
ANTÓNIA — Eu sou a Tó.
D. BRITES — *(àparte)* Santo nome de Maria! Que nomes elas arranjam! Nem parecem de gente.
D. GENOVEVA — Então já combinaram os passeios que vão dar?
ANTÓNIA — Tencionamos fazer alguns piqueniques.
VIRGÍNIA — Ó Mné, e se organizássemos uma burricada?
MANUELA — Isso, isso! Bestial, Gica! Tens idéias geniais!
ANTÓNIA — Mas que giro, que vai ser, tudo de burro!
MANUEL — Sim, mas têm que arranjar-se rapazes, porque só raparigas não tem piada.

VIRGINIA — Está bem de ver! Só raparigas?! Que coisa tão chalada!

MANUELA — Ó Tita, tem que apresentar-nos aos rapazes das vossas relações (*Rita e Rosa entreolham-se embaraçadas*)

RITA — Vê lá Rosinha, quem há-de ser?

ROSA (*aflita*) — Não sei...

D. GENOVEVA — Olhem, meninas, é melhor não pensarem nisso, sem consultarem as vossas mamãs.

MANUELA — Estávamos arranjadas, se por coisas tão insignificantes fôssemos escrever às nossas mãis a pedir opinião.

ROSA (*admirada*) — Então as vossas mamãs não vieram com as meninas?

ANTONIA — Não. Havíamos de trazer as mãis atreladas? Safa!

VIRGINIA — Mas, francamente, vocês não têm cá rapazes que nos apresentem para o nosso grupo?

RITA — Ah!... Só se fôr... o filho do Morgado da Ribeira.

MANUELA — Óptimo! Êsse deve ser piramidal! E quem mais?

RITA — Talvez... o neto do Visconde da Luz.

MANUELA — Êsse então ainda melhor. É do suco da batatinha!

VIRGINIA — É pôdre de chique!

MANUELA — Olhem que vocês têm conhecimentos colossais!

ANTONIA — Isto é que vai ser um pagode!

VIRGINIA — Como é que vocês passam as noites?

D. BRITES — A minha Rosinha serão comigo: umas vezes borda, outras lê.

MANUELA — Nós temos que organizar uns bailes.

VIRGINIA — De-certo! Não nos havíamos de deitar com as galinhas.

ANTONIA — Quem é que sabe tocar?

RITA — A Rosinha toca piano.

MANUELA — Bravo! Música já nós temos.

ROSA — Não, eu não sei música de dança.

ANTONIA — Não importa. Mandamo-las vir de Lisboa e você toca-as. Quem sabe tocar, tanto toca umas como outras.

D. GENOVEVA — A Rosinha pouco tempo tem livre, e agora, enquanto eu cá estou, preciso que me faça companhia, não acham justo?

MANUELA (*amável*) — Ah! pois sim, tem razão! (*dirigindo-se a Rita*) Ó Tita, escolhe mais outra «Menina bem» para nos apresentares.

RITA — Pode ser a Margarida, não achas, Rosinha?

ROSA — Sim, a Margaridinha é muito boa menina.

VIRGINIA — Então vamos lá, olhem que já é tardio (*despedem-se*).

MANUELA — Adeus, Zinha, tive muito prazer em conhecê-la.

ANTONIA — Até amanhã.

MANUELA, VIRGINIA E ANTONIA (*à porta voltam-se e com o braço no ar*) — Good by... by.

CENA XIV

D. BRITES, D. GENOVEVA E ROSA

D. BRITES — Ai, ainda bem que se foram, estou cansada de as ouvir. Isto já não é para a minha idade. Ih! Jesus, Maria! E a maneira delas falarem! Eu, parte do que elas disseram, não percebi. O' Genoveva, que língua era aquela?

D. GENOVEVA — É uma língua que muitas meninas usam, julgando-se assim mais interessante, mas que lhes tira todo o valor.

D. BRITES — Mas, Genoveva, tu tens a certeza que estas eram meninas? Olha que eu tenho as minhas dúvidas!

D. GENOVEVA — Porquê, mamã?

D. BRITES — Então já se viu meninas a fumar?

D. GENOVEVA — Infelizmente parece que fumam, mas são meninas.

D. BRITES — Que o rapaz fume, não me admiro, se bem que no meu tempo não puxassem por um cigarro na presença de meninas.

ROSA — Mas qual rapaz, avòzinha, aqui não estava nenhum.

D. BRITES — . filha, aquêle a quem elas chamavam Manel.

ROSA (*sorrindo-se*) — Manel, não avòzinha. Mné.

D. BRITES — Pois êsse mesmo.

D. GENOVEVA — Mas não era rapaz, era uma menina como as outras.

D. BRITES — Qual menina! podia lá ser? Já viste alguma vez uma menina assim vestida? Ainda se fôsse carnaval!

D. GENOVEVA — É moda, mamã.

D. BRITES — Valha-me Deus, já não percebo nada. Nesse caso será também moda os rapazes vestirem saias como as senhoras? Anda o mundo às avessas.

D. GENOVEVA — Essa por enquanto ainda não existe, mas pode vir ainda. Tudo pode ser!

D. BRITES — Mas, para quê? Para que usam isso?

D. GENOVEVA — Para que é não sei, mamã, talvez para parecerem o que não são.

D. BRITES — E são assim as meninas de Lisboa, Genoveva?!

D. GENOVEVA — Não, mamã, nem tôdas, felizmente destas são o menor número, e mesmo assim a culpa não é delas, mas das mãis, que as deixam entregues a si próprias. A educação não deve ser assim tão livre, de forma a tornar as raparigas umas ridículas, umas desiquilibradas.

D. BRITES — Bem faço eu que tenho a Rosinha sempre aqui junto de mim.

D. GENOVEVA — No entanto não se deve também prender-lhes os movimentos, tirar-lhes a alegria, roubar-lhes a mocidade. (*E afagando a sobrinha*). Éste pobre passarinho tem estado sempre engaiolado, nunca gozou a vida como os outros da sua idade. É preciso deixá-la expandir, voar com alegria, mas acompanhada por quem a saiba guiar e ensinar a vencer as dificuldades.

D. BRITES — Então, se a Rosinha te fôsse confiada, que fazias?

D. GENOVEVA — Eu, mamã, levava-a a percorrer o nosso Portugal, a conhecer todos os seus cantinhos desde o Minho ao Algarve, a admirar as suas belezas; satisfazia-lhes êste seu grande desejo. Deixava-a conviver com as meninas da sua idade, mas acompanhá-la-ia para tôda a parte, seria a sua protectora, a sua amiga.

D. BRITES — Genoveva, então entrego-te o meu tesouro, dá-lhe uma vida mais alegre, mas conserva-lhe o seu coraçãozinho puro, bom, como tem sido até aqui.

D. GENOVEVA — E para começar, se a mamã consente, levo-a comigo para a Figueira.

ROSA — Oh! Será possível, será possível que a avòzinha se sacrifique a ficar sem a minha companhia, para satisfazer os meus desejos?!

D. BRITES — Vai sim, minha filha, e que o teu Anjo da Guarda te acompanhe. (*limpa uma lágrima*).

ROSA — Oh! vou ver o mar, as suas ondas, os seus barquinhos! Que bom! meu Deus! Realiza-se enfim o meu sonho.

D. GENOVEVA (*abraçando Rosa*) — Vem Rosinha, vamos preparar as malas para a partida. (*Rosa e D. Genoveva dirigem-se para a porta, mas antes de retirar-se, Rosa pára e olha para a avó com tristeza*).

D. BRITES — (*Virando-se para D. Genoveva*) — Ó Genoveva, o ar do mar fará mal ao meu reumatismo?

D. GENOVEVA — Não, mamã, por certo. (*D. Genoveva e Rosa aproximam-se de D. Brites*).

D. GENOVEVA (*abraçando a mãi*) — Querida mamã! Aluguei na Figueira uma linda casinha, mesmo junto da praia, com um alegre terraço virado para o mar, donde a mamã pode ver, sem se fatigar, a sua netinha brincar com as outras meninas.

ROSA (*abraçando também D. Brites*) — Avòzinha, minha querida avòzinha! Como eu vou ser feliz! Até que enfim chegou o dia em que posso rir, brincar, folgar, sem ser preciso separar-me de si. Sempre o esperei.

D. GENOVEVA — Vamos Rosinha, preparemos as malas para partirmos o mais breve possível, porque já aqui nada nos prende. (*Leva a sobrinha pela mão e encaminha-a para a porta*).

ROSA (*da porta, voltando-se para a avó*) — Avòzinha, posso levar os livros que a tia me ofereceu?

D. BRITES — Sim, minha filha, e vê lá... não esqueçam os meus abafos para poder passear convôsco. (*Cai o pano*).

Celeste Morgado

Centro n.º 3 Liceu Pedro Nunes

2.º Prémio

"QUANDO EU ERA PETIZ
E USAVA BIBE E CALÇÃO
E TINHA MÊDO AO PAPÃO..."

MIGUEL DE SÁ E MELO

MORAVA numa "ilha" na rua de Cedofeita. Tinha um rancho de irmãos — o mais velho "tropa", a irmã a servir em Lisboa, a mãe carrejona em S. Bento, o pai, há anos, na cadeia: — esfaqueara um homem numa das suas costumadas bebedeiras. A casa era miserável — dormia numa enxêrga, a um canto, com os três irmãos mais novos... As aranhas e os ratos pertenciam àquêle mundo estranho e confuso de sombras, patas e correrias doidas, que o faziam tapar a cabeça e acreditar em "Génios máus".

Ia fazer 11 anos. Conheci-o... nem me lembra já como! Era "ruço", o nariz arrebitado, os olhos... verdes? azuis? — cinzentos até talvez —, a cara coberta de sardas, um casacão de homem até aos joelhos, os fundilhos das calças remendados pela terceira ou quarta vez, os sapatões enormes: — não fôsse a ternura que fazia olhá-los, pareceriam de circo! — daqueles palhaços que fazem chorar...

O João era muito meu amigo — sempre que me encontrava... não falhava o tostão. Passou a fazer parte, para mim, daquela rua. Aquela rua... Tenho ouvido chamá-la pelo pior que se pode chamar a uma rua: não ser característica!

Ai! Ninguém a soube sentir! Que saùdades tenho dela! Foi há tanto, tanto tempo já... custa-me a acreditar! Lembra-me: manhãzinha ainda, estava ensopada em nevoeiro — o meu divertimento era espreitar a altura em que se começava a desenhar o capacete do policia!

Ao meio-dia era cheia de sol, de ciclistas, de criadas a vir da praça com molhos de salsa e "verdes" para as mesas envernizadas dos patrões. Era infalível a piada do policia: elas, deliravam! À tardinha, havia os homens da Câmara, a lavarem a rua à mangueira, com umas botas enormes — o meu sonho! Havia aquela taberna que, não sei porquê, era simpática — princípios da rua ainda, escoava-se o sabor acre a azeite ordinário, rançoso. Depois, havia uma pastelaria... mas que pastelaria: bolos enormes — cremes esquisitos de côres violentas ou desbotadas, feitios arrojados, delicias pressentidas...

O João ia à "doutrina" quási todos os domingos. Mostrava-me, encantado, estampas de Cristos toscos com côres berrantes — linhas puras para a sua imaginação simples e fácil de contentar.

Uma coisa me fazia confusão: o destino do tostão que eu lhe dava. Um dia, preguntei-lho: — Meto-o num "peteiro" comprado no Senhor de Matozinhos. Aos sábados, tiro-os com um gancho de minha mãi, e compro isto... — com muito geito, tirou dum bôlso um jornal. Olhei: na capa, um "cow-boy" caracolava num cavalo, e debruçado sôbre as espáduas jogava um laço. Reconheci o jornal: era "O Mosquito". De-repente, vieram-me à memória as minhas antigas tardes de Domingo: aninhava-me num canto da sala, e lia...

Havia o «cow-boy que salvava a filha do "sheriff", casava com ela, matava o ladrão de gado, e tinha uma boa e valente égua "Flecha"... Um roubo de crianças, na América, por um adestrado grupo de "gangsters", entregues à policia por um só homem... Viagens maravilhosas em aviões e submarinos século futuro, através de paises fantásticos, cheios de feras perigosas e de princesas perdidas na selva — longos cabelos pela cinta, esborratados a amarelo canário...

Certas figuras ficaram-me na memória: o avião a pique, o bandido preso pelos estribos a despenhar-se no desfiladeiro, o combóio quási a atravessar a ponte dinamitada, o indio de rastos e plumas ondeantes na cabeça — raça "sioux" invariavelmente — o "cara pálida" atado ao poste da tortura, o "cow-boy" a receber a medalha de herói! Mais tarde, a estas imagens, sobrepuseram-se as do cinema.

Como compreendia o carinho do garoto por aquele jornal!...

O João olhou: viu-me distraída, e, depois de dobrado o jornal, abalou a assobiar.

Quem me dera, ainda invejar as botas de cautchú dos varredores de rua, e perder a noção do mundo no "Mosquito"!

*
* *

Hesitei antes de publicar isto — já via as caras das "Pessoas respeitáveis": — Mas ela pensa que a Vida é o "Mosquito"!?

Eu bem sei que a Vida não é "O Mosquito"! Eu bem sei que é qualquer coisa de muito mais sério! Mas eu bem sei, também, que todos tivemos 11 e 12 anos, e que não foram êsses os nossos piores momentos!...

Maria Eugénia de Sá Coutinho
Centro 11 — Colégio Moderno — Pôrto